

A LIDERANÇA DA MULHER NEGRA NO ROMANCE *MANDINGAS DA MULATA VELHA NA CIDADE NOVA: A CONSTRUÇÃO SOCIOCULTURAL BRASILEIRA*⁷

Viviane Carvalho Lopes⁸

Sandra Sacramento⁹

Recebido em 10/03/2018. Aprovado em 04/06/2018.

Resumo: O romance *Mandingas da mulata velha na cidade nova* (2009), de Nei Lopes, é uma narrativa que traça, através do percurso histórico e cultural brasileiro, a vida de uma tia baiana, cujo nome ficcional é Tia Amina, mas que está, de certo modo, conectado à figura verídica de Tia Ciata, uma das mais famosas baianas e carnavalescas do Rio de Janeiro. Nesse contexto, procura-se evidenciar o protagonismo da mulher negra na construção sociocultural brasileira relacionado aos pressupostos teóricos da crítica feminista. Ademais, objetiva-se situar a obra como representação literária afro-brasileira que se encontra imbricada com o processo histórico do Brasil, empenhando-se em traçar o percurso de Tia Amina, desde seus questionamentos ancestrais em África até sua chegada à Bahia. Para entender esta proposta de análise embasa-se em Beauvoir (2008), Duarte (2008) e Zolin (2009), entre outros teóricos. Assim, a partir deste trabalho, almeja-se contribuir tanto para a elucidação das questões pertinentes a gênero e à crítica feminista quanto para o reconhecimento da literatura afro-brasileira, destacando a obra de Nei Lopes.

Palavras-chave: Literatura Afro-brasileira. História. Crítica Feminista.

Introdução

É evidente que, na construção da historiografia oficial de diversos países, seguindo a lógica ocidental da hegemonia do poder, o protagonismo sociocultural das mulheres não foi valorizado, naturalizando até o presente momento, apenas os homens, brancos e héteros como padrão universal de “ser humano”, de acordo também com os valores ideológicos judaico-cristãos. Esse fato não representa a inoperância feminina no processo de construção social, mas sim a sua subalternização, a qual foi estabelecida e materializada conforme os papéis sociais.

⁷ Este trabalho é fruto das leituras, discussões e reflexões realizadas na disciplina “Estudos de gênero” do Mestrado da Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC).

⁸ Licenciada em Letras – Língua Inglesa/ Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Mestranda em Letras do Programa de Pós-Graduação em Letras, Linguagens e Representações (UESC). Vinculada ao grupo de pesquisa: literatura, história e cultura: encruzilhadas epistemológicas (CNPQ/UESC). Bolsista de mestrado acadêmico FAPESB.

⁹ Professora Doutora do Departamento de Letras e Artes (DLA) da UESC e do Programa de Pós-graduação Mestrado em Letras, Linguagens e Representações.

Dessa forma, não apenas as mulheres, mas também negros, indígenas e operários, por exemplo, foram excluídos da história, visto que não compunham o grupo de poder e privilégios heroicamente narrados. Essa injustiça social não ocorreu somente nos processos de submissão das mulheres e dos povos africanos pela escravatura, mas também se perpetuou através dos discursos de poder, que subalternizaram as mulheres e culturas orientais, reservando-as o status de “os outros”, isto é, categorias inferiores. Para a população negra, eram atribuídas imagens de selvagens e exóticos; enquanto, para as mulheres, noções de fragilidade, entre outros estereótipos.

Nessa perspectiva, a partir das mudanças históricas e socioeconômicas, e com intento de suplantarem os discursos hegemônicos, as manifestações dos grupos de mulheres e da população negra vêm surgindo fortemente desde a década de 1960, com o desenvolvimento do pensamento feminista e da perspectiva pós-colonial. Além disso, foi desenvolvida também uma crítica ao eurocentrismo, particularmente relacionada com a crítica à construção estrutural do mundo.

A partir desse contexto, intenta-se, neste trabalho, levantar as considerações mais recentes no que diz respeito à intersecção entre gênero, classe e raça, por intermédio da análise do livro *Mandingas da mulata velha na cidade nova* (2009), de Nei Lopes, procurando afirmar o protagonismo da mulher negra na construção sociocultural do Brasil. Assim, essa representação literária afro-brasileira se empenha em traçar o percurso de Tia Amina, desde seus ancestrais, na África, até sua chegada à Bahia.

Nesse sentido, sob a luz dos estudos no campo pós-colonial, procura-se entender os questionamentos desta proposta de análise, embasando-se nos pesquisadores: Duarte (2008), Lugones (2014), Beauvoir (2009), entre outros. Procura-se, a partir deste trabalho, contribuir tanto para o reconhecimento da literatura afro-brasileira, principalmente da leitura em questão, do autor Nei Lopes, quanto para a elucidação das questões pertinentes a gênero.

Mandingas da Mulata Velha na Cidade Nova

O romance afro-brasileiro *Mandingas da mulata velha na cidade nova* (2009) é um retrato do Brasil independente politicamente de Portugal em 1822, mas com fortes relações coloniais e hierárquicas, evidenciadas na trajetória de vida de Dona Honorata (1854 – 1924), depois nomeada, por via das suas tradições religiosas, de tia Amina. A narrativa se inicia reverberando um certo realismo fantástico, transportando o leitor do dia 7 de janeiro de 2004, de um velho sobrado da rua Alfândega, no centro do Rio, para 80 anos antes:

E sem que os operários percebam, o fio cai no chão. E sai coleando, rápido, como uma cobrinha, até o campo de Santana. Aí, dobra à direita, atravessa a avenida Presidente Vargas e a praça Duque de Caxias, toma a Visconde da Gávea, corta a Senador [...] e some nas imediações do largo de São Francisco da Prainha. Oitenta anos antes... (LOPES, 2009, p. 18).

É nessa perspectiva, por via de um novelo de linha, que cai envolvendo uma pequena bolsa, que a história se inicia, levando a atenção ao prestigiado jornal “Tribuna no Rio Janeiro”, com o mote: “Tribuna do povo para o povo”. Esse jornal se ocupava em noticiar “[...] como é do tempo, escândalos que são sempre do agrado do grande público.” (LOPES, 2009, p. 19), lendas urbanas, palpites do jogo do bicho, mas também notas fúnebres, em que irá retratar a morte de Honorata Sabina da Cruz, tia Amina, personagem central do romance. O autor, Nei Lopes, ao ser entrevistado pelo acadêmico em Letras Rafael Gomide Martins (UFMG) sobre o livro, afirma que:

A narrativa se passa em vários planos, até mesmo no do sonho. Começa na atualidade, volta para o início do século 20, recua até o 19 e acaba voltando à atualidade, onde tudo começou. A vida é assim. Pelo menos para mim, que cultuo orixás e antepassados. Então, essa é a minha forma de contar a vida. Talvez, quem sabe, aí esteja a marca da minha negritude, o que pode até apontar para uma escola de “realismo mágico afro-brasileiro”. Quem sabe? Quanto ao “herói”, ele existe, sim: é a Norata ou Tia Amina, em torno da qual tudo é construído (LOPES, [2017]).

Dessa forma, este livro representa um dossiê da vida de uma das grandes influenciadoras do festejo carnavalesco, da expansão degustativa da comida baiana/africana e assim, revela outros traços culturais, como a forte presença do islamismo e do sincretismo religioso. Além disso, apresenta a história da diáspora baiana com entrelaçamentos da cultura baiana e carioca, fortemente influenciada pelos negros, outrora escravizados oriundos do continente africano.

Em síntese, o romance, que se encontra dividido em duas partes, como se houvesse dois livros em um, traça a história do povo brasileiro no século XVIII, com a Abolição da Escravatura, Revolta dos malês, Revolta da vacina e urbanização do Rio de Janeiro, quando realocou-se a população negra nas periferias. Dessa forma, abre espaço para que se possa perceber a importância das mulheres negras na construção da sociedade brasileira, do desenvolvimento da identidade nacional, das raízes do samba e de outros aspectos culturais importantes e representativos ao Brasil.

É relevante destacar o significado do título “Mandingas da mulata velha na cidade nova”. Em primeiro lugar, o nome “Mandingas” é relativo ao povo africano, embora atualmente tenha-se a impressão de “mágica” do substantivo (1). Posteriormente, “Mulata Velha”, antiga denominação popular da cidade de Salvador, a qual se refere à cidade como uma mulher, que passou pelo processo

de mestiçagem, o que é bem coerente, visto que Salvador abrigava o maior porto de tráfico negreiro do Brasil (2). Por último “Cidade Nova”; referindo-se ao bairro do Rio que, na primeira metade do século XX, encontra-se em oposição à Cidade Velha, isto é, os *locus* dos tempos coloniais (3).

Esse importante romance afro-brasileiro tem por autor Nei Lopes, que é compositor, músico/intérprete da Música Popular Brasileira (MPB). Natural de Irajá, no Rio de Janeiro, nasceu no dia 9 de maio de 1942. Compôs músicas que se fizeram notar a partir das interpretações de Djavan, Gilberto Gil, João Bosco e Milton Nascimento. Além desses artistas, compôs músicas com Guinga, Zé Renato e Wilson Moreira. Também Bacharel em Direito, Nei Lopes produziu uma grande obra centrada na temática afro-brasileira, a fim de entender a questão do negro no Brasil, publicando *O negro no Rio de Janeiro e sua tradição musical* (1992) e *Dicionário Banto do Brasil* (1996), entre outras produções. Na literatura, escreveu também o livro *20 contos e uns trocados* (2006) ao lado de *Mandingas da mulata velha na cidade nova* (2009).

O romance, posto como objeto de estudo, neste trabalho, insere-se na categoria “Literatura Afro-brasileira” por apresentar traços peculiares a tal representação, que ainda possui estudos parciais no que diz respeito à sua crítica literária, muito embora possa ancorar-se teoricamente nas pesquisas do professor e pesquisador Eduardo de Assis Duarte, da Universidade Federal de Minas Gerais. Nesse sentido, no texto “Por um conceito de literatura afro-brasileira”, pressupõem-se cinco características primordiais para que um texto literário possa ser categorizado tal como afro-brasileiro, os quais são: a temática, a autoria, o ponto de vista, o elemento linguagem e o público leitor afrodescendente (DUARTE, 2008).

Antes de adentrar na explicação da especificidade de cada característica, é interessante apontar que o reconhecimento da literatura afro-brasileira se dá, a grosso modo, no movimento de pessoas negras, escrevendo *sobre* a população negra e *para* o povo negro. Sendo assim, é perceptível o movimento de rasura sobre o discurso e narrativa do colonizador, dando lugar às novas histórias, agora contadas pelos/pelas intelectuais negros/negras.

Nessa perspectiva, para Duarte (2008), a literatura afro-brasileira difere do conjunto de letras nacionais pela temática, isto é, o povo negro é o tema central da “literatura negra”. Por sua vez, Octavio Ianni (1998, p. 54) diz que enxerga o sujeito afrodescendente não apenas no plano do indivíduo, mas também como: “universo humano, social, cultural e artístico de que se nutre essa literatura”. É distinta das outras literaturas também pela autoria, de modo que a escrita deve ser oriunda de um autor afro-brasileiro, e assim, abarcar individualidades muitas vezes fraturadas e oriundas do processo de colonização/miscigenação.

Ademais, é importante que tenha ponto de vista, ou melhor, não basta ser afrodescendente, precisa saber utilizar-se do tema, ser associado às causas raciais. Nesse sentido, o elemento linguagem, discursividade específica, reverbera em sua escrita com expressões, ritmos e significados novos, que também contribuem na identificação da literatura afro-brasileira. A última característica defendida por Eduardo Assis Duarte é a do público leitor afrodescendente, enquanto fator de intencionalidade, isto é, o texto tem direcionamento de recepção e se volta para um público específico.

É relevante destacar que esses elementos, quando exercidos de maneira isolada, não propiciam o pertencimento à escrita da Literatura Afro-brasileira, mas sim há necessidade da interação entre esses componentes, dialogados e conectados. Nesse sentido, é importante também destacar que a obra, em análise, insere-se por completo nas características estudadas por Duarte (2008), pois possui os temas recorrentes, tais quais: história do povo negro na diáspora, tradições culturais ou religiosas (mitos e lendas), história contemporânea da situação dos negros e demais dramas vividos na modernidade brasileira. Além desses aspectos, elementos linguísticos, tal qual a oralidade, estão presentes nesta literatura, a serviço, talvez, da recuperação de uma memória multifacetada e ancestral, danificada pelo processo de colonização.

Introdução à Crítica Feminista e suas Articulações

É considerável a mudança/evolução do grupo social feminino do início do século XIX ao presente momento, no que se refere à conquista de direitos, por intermédio do movimento feminista. As mulheres não eram consideradas “cidadãs”, muito menos “figuras públicas”. Sendo assim, os direitos de “ser humano”, em sua plenitude, eram negados às mulheres, tidos como irrelevantes para elas, naturalizando o seu papel de inferioridade em relação à figura masculina. A mulher, nessa perspectiva, “deveria” cumprir o seu “papel” de mãe, esposa, isto é, ser o apoio do homem, e este deveria liderá-la, bem como à sua família. Essa visão, endossada pelos valores judaico-cristãos, pela estrutura patriarcal de sociedade e reforçada no momento pré-capitalista, perdura até a contemporaneidade nas relações sociais, através do machismo, que continua a inferiorizar o *segundo sexo*.

Nesse sentido, a luta das mulheres, no processo histórico mundial, foi de extrema importância para a conquista de direitos e continua sendo na atualidade. Para delimitação teórica e temporal, é necessário pontuar que o “feminismo” e o “movimento feminista” se restringem aos últimos três séculos, embora não seja possível excluir a ideia de que a existência de um movimento de pessoas do

sexo feminino em torno da “questão da mulher” ocorra desde os primórdios. Alguns pesquisadores, por exemplo, defendem a existência do movimento feminista desde os matriarcados neolíticos. Assim, a partir das considerações de Lúcia Osana Zolin, em seu texto “A crítica feminista”, pode-se pensar o movimento feminista como:

Um movimento político bastante amplo que, alicerçado na crença de que, consciente e coletivamente, as mulheres podem mudar a posição de inferioridade que ocupam no meio social, abarca desde as reformas culturais, legais e econômicas, referentes ao direito da mulher ao voto, à educação, à licença-maternidade, à prática de esportes, à igualdade de remuneração para função igual etc., até uma teoria feminista acadêmica, voltada para reformas relacionadas ao modo de ler o texto literário (ZOLIN, 2009, p. 220).

Desse modo, é notável a forma como o movimento feminista se direcionou para suplantar o lugar de inferioridade imposto e também para a conquista da liberdade ao voto, à educação, esporte, igualdade salarial, entre outras demandas, impactando a cultura e transformando a prática. Esse fenômeno contribuiu para o surgimento de diversos estudos e no desenvolvimento da teoria e crítica feministas, a partir das quais se pode ler e analisar os textos literários e, assim, a *realidade* social.

O movimento feminista está dividido em três momentos no espaço-tempo, os quais são denominados de “ondas”, e que marcam de forma crucial a luta das mulheres, em uma escala de mundo. A primeira onda se deu no final do século XIX e início do século XX, a partir da luta pela igualdade de direitos, o sufrágio feminino, constituindo-se o movimento de mulheres da burguesia francesa, inglesa, norte-americana, e das demais potências da época. Na França, uma das ativistas da Revolução Francesa (1789), Marie Olympe Gouges, apresenta diante da Assembleia Nacional, em 1791, a *Declaração dos direitos da mulher e da cidadã*¹⁰, defendendo a igualdade de direitos, principalmente o de propriedade e liberdade de expressão, além de fazer uma chamada às mulheres para que tivessem força e altivez nas reivindicações democráticas para o seu sexo.

Já em 1792, a inglesa Mary Wollstonecraft, ao escrever *As reivindicações dos direitos da mulher*¹¹, um dos maiores clássicos da literatura feminista, retoma as petições dos ideais da Revolução Francesa, no que diz respeito aos direitos da mulher, defendendo a efetividade da educação para que, de fato, as mulheres se tornassem cidadãs. Entretanto, o movimento feminista apenas surge nos Estados Unidos e na Inglaterra na metade do século XIX, quando reivindica o sufrágio feminino e igualdade legislativa.

¹⁰ *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne.*

¹¹ *A vindication of the Rights of Woman.*

As americanas Elizabeth Cady Stanton, Susan B. Anthony e Lucy Stone, em 1840, representavam a liderança do forte e já estabelecido movimento pelos direitos das mulheres. Elizabeth e Susan fundaram a *Associação Nacional para o voto das mulheres*¹², enquanto Stone fundou a *Associação americana para o voto das mulheres*¹³, que reivindicava o sufrágio feminino e mudança na legislação no que se referia ao divórcio. Em 1890, as duas organizações foram unidas para formar a *Associação nacional americana para o voto das mulheres*¹⁴, conquistando o direito ao voto para as mulheres americanas em 1920.

Na Inglaterra, as mulheres foram amplamente discriminadas na era Vitoriana (1832 – 1901), pois os valores defendidos pela rainha Vitória eram de que a mulher não deveria utilizar seu intelecto, pois não era a “ordem natural das coisas”; ao invés disso, explorava-se sua delicadeza, submissão, afeição ao lar, inocência, falta de ambição, bem como a tradição religiosa. Nessa perspectiva, havia guias vitorianos que instrumentalizavam suas posições, como *A professora*¹⁵ e *As mulheres da Inglaterra*¹⁶, de Sarah Stickney Ellis, publicado em 1839.

De modo geral, essas obras contribuíram para a idealização da mulher, que deveria ser a cumpridora de um papel social “divinamente” estabelecido, resvalando beleza, candura e fragilidade. Entretanto, essa idealização só contribuiu, como até o presente momento contribui, para a subjugação da mulher a um nível inferior ao homem, dessa forma:

Se no âmbito da lei, as mulheres eram destituídas de poder, no âmbito das práticas sociais e familiares a realidade era outra. A maioria delas, além de não ter interesse em se submeter a esse tendencioso modelo de organização social, não tinham condições para tal. Pesquisas mostram que em meados do século XIX grande parte das mulheres inglesas trabalhava fora como domésticas, costureiras, operárias em fábricas, ou em fazendas. De modo que o tédio que supostamente marcaria a existência da mulher idealizada pela ideologia vitoriana não consistia, absolutamente, no seu principal problema; era prerrogativa de uma minoria. Nesse sentido, a oposição erigida contra tal ideologia era impelida por, pelo menos, duas razões: uma referente a valores ideológicos, outra à necessidade de sobrevivência (ZOLIN, 2009, p. 221).

Nesse sentido, a idealização da mulher inglesa abrangia apenas um pequeno grupo, visto que, para a maioria das mulheres, o padrão não se estendia, pois trabalhavam tanto no âmbito doméstico quanto nas fábricas e fazendas. Desse modo, essa construção representativa do ser feminino não apenas foi contestada pelos valores ideológicos da razão feminista, mas por uma necessidade de

¹² *National Woman Suffrage Association.*

¹³ *American Woman's Suffrage Association.*

¹⁴ *National American Woman's Suffrage Association (NAWSA).*

¹⁵ *The female instructor.*

¹⁶ *The Women of England.*

sobrevivência da mulher e de sua família. Até o presente momento, esses valores de “mulher ideal” continuam sendo divulgados, muito ligados à questão central de defesa da família nos moldes tradicionais.

Uma das maiores contribuintes para o pensamento feminista da primeira onda é Simone de Beauvoir, que, ao publicar o texto *O Segundo sexo*¹⁷, em 1949 (apenas publicado no Brasil em 1980), formulou uma espécie de dossiê teórico sobre a situação da mulher na sociedade, o qual contribuiu para o pensamento da geração seguinte de feministas, embora alguns aspectos tenham sido rejeitados. Beauvoir sintetizou o seu pensamento em “não se nasce mulher: torna-se”, o que evoca a explicação da não existência de uma “essência feminina”, de qualquer ordem, biologizante ou teológica, para o respaldo de sua marginalização e seu lugar de inferioridade em relação ao homem, para ser *conformada* à situação de mulher. Essa ideia é marcada pelo que se compreende como o maior privilégio do homem em sociedade, que é a sua “vocação de ser humano”, isto é, ligada à sua *transcendência*, enquanto a mulher encontra-se dividida entre a compreensão de “ser humano” e o “destino de mulher”, o qual é reforçado pelo conservadorismo e o seu lugar de *imanência*. Assim:

A fim de provar a inferioridade da mulher, os antifeministas apelaram não somente para a religião, a filosofia e a teologia, como no passado, mas ainda para a ciência: biologia, psicologia experimental etc. Quando muito, consentia-se em conceder ao outro sexo “a igualdade dentro da diferença”. Essa fórmula, que fez fortuna, é muito significativa: é exatamente a que utilizam em relação aos negros dos EUA as leis de Jim Crow; ora, essa segregação, pretensamente igualitária, só serviu para introduzir as mais extremas discriminações. Esse encontro nada tem de ocasional: quer se trate de uma raça, de uma casta, de uma classe, de um sexo reduzidos a uma condição inferior, o processo de justificação é o mesmo. O “eterno feminino” é homólogo da “alma negra” e do “caráter judeu” (BEAUVOIR, 2009, p. 25).

Dessa forma, é perceptível que, no intento de respaldar o lugar de marginalidade do sexo feminino, muitos discursos foram levantados em favor de sua conformação ao “segundo dos pares”. Nesse sentido, a mulher deveria não apenas ser subjugada como inferior, mas concordar com sua inferioridade, aceitando os pressupostos que justificavam sua condição de menor importância.

A segunda onda abrangeu o período de 1960 até os anos 1980 e se caracterizou a partir da luta pela diferença e o fim da discriminação, além disso, o movimento feminista reivindicava a cidadania e a individualidade. Na terceira onda, momento que é compreendido a partir da década de 1990, houve uma reelaboração das estratégias e táticas do movimento feminista que o antecedeu, com a inserção da reivindicação pela liberdade sexual da mulher e a equidade no espaço público. Além disso, esse

¹⁷ *Le deuxième sexe* (1949).

período foi marcado pelo início do questionamento ao padrão branco, de classe média-alta das feministas anteriores, desencadeando um importante avanço: o destaque e valorização das mulheres negras no movimento feminista, que, ao reivindicarem e negociarem um espaço próprio de discussão, abriram para a possibilidade do enfoque em interseccionalidade, isto é, não apenas das relações de gênero, mas também de classe e raça.

Na contemporaneidade, é notável que existe um movimento feminista em prol de uma “Questão da mulher”, mas é perceptível também que as mulheres se unem em suas causas similares, muito embora sejam constitutivamente diferentes. Neste momento, na sociedade, abre-se o espaço para falar não apenas das mulheres, enquanto grupo homogêneo, mas de mulheres, que estão subalternizadas por “ser mulher”, “trans”, “negra”, “lésbica”, atravessadas que estão por outras categorias de subalternidade.

Tia Amina em Foco: A Mulher Negra na Construção Sociocultural Brasileira

O romance *Mandingas da Mulata Velha na Cidade Nova* (2009) está dividido em duas partes: a primeira se inicia com o pesaroso falecimento de tia Amina, publicação da matéria sobre a Tia Amina no *Jornal Tribuna* e abrange o processo de construção de revisão da nota, que fora criticada, tanto no sentido favorável à tia Amina quanto pejorativamente. Já a segunda, trata-se da pesquisa e manuscritos de João Flávio Iháia sobre a verdadeira história de Tia Amina.

A partir do objetivo central desta pesquisa, foca-se o olhar sobre a carta fúnebre e matéria redigida inicialmente, no intento de demonstrar as principais características que delinearão a vida, não apenas de Tia Amina, mas de muitas tias baianas que se aventuraram nas terras cariocas, com sangue, suor e lágrimas, a fim de construir uma vida mais digna. Nesse sentido, o romance se inicia com um telefonema, atendido pelo jornalista de plantão Henrique da Costa, encarregado pelas crônicas carnavalescas, e assim:

O interlocutor não se faz de rogado e, do outro lado da linha, lê a nota completa, adrede redigida: - Acaba de falecer, em sua residência, à rua Visconde de Itaúna 137, Dona Honorata Sabina da Cruz, a Tia Amina, a maior figura dentre as célebres baianas do carnaval da Praça Onze. A venerada Tia Amina morreu de um colapso cardíaco fulminante, aos sessenta e nove anos de idade. A cidade ainda não se tinha refeito da irreparável perda, em março do ano anterior, daquele que fora, em inteligência, em descortínio político, em saber jurídico, em consciência civilista, o maior dos brasileiros – Antônio Rui Barbosa de Oliveira, a Águia de Haia. E seis meses depois, a capital federal era sacudida por mais um golpe, com a morte do marechal Hermes da Fonseca. E, na sucessão desses acontecimentos aziagos, neste

triste ano de 1924, morria a figura ilustre dessa baiana inesquecível (LOPES, 2009, p. 21).

Nesse sentido, a morte de Tia Amina é ligada ao pesar da morte de grandes destaques da historiografia brasileira, como Antônio Rui Barbosa e Marechal Hermes da Fonseca, ganhando evidência na imprensa do Rio de Janeiro, muito embora não esteja presente nos livros da História Oficial do Brasil. Além da evidente invisibilidade da mulher negra na história, percebe-se a coesão do romance (literário) a datas, períodos e marcações reais, evidenciada pelas notícias do início do século XX (histórico). A partir dessa posição do romance, é necessário colocar que:

A valorização do histórico [...] pressupõe inevitavelmente uma nova forma de dizer, pressupõe outros recursos para armar o dispositivo textual de modo a que signifique como forma do presente que ilumina as dobras do passado. E uma leitura que intenta em desvelar a construção literária pelo seu sentido histórico, é uma leitura que busca, simultaneamente a historicidade textual, isto é, a semântica social, e a especificidade dos modos de escrita na sua dimensão emissora e receptora. Mas busca também, a textualidade da história, quer dizer, a enunciação verbal de um passado, num contexto que, para o ser, tem que ser mediatizado pela textura verbal (MATTA, 2007, p. 31).

Nesse sentido, o romance aqui, em análise, ao se preocupar com a valorização do histórico, apresenta vozes e discursos, os quais não puderam ser enunciados e não foram, mas que, na realização de pesquisas sobre o processo histórico-brasileiro e o protagonismo da população negra, têm se ressignificado e completado o que outrora fora dito. Além disso, a literatura tem contribuído em relação profícua com a História, tanto para demonstrar os discursos racistas e colonialistas, quanto para rasurar discursos hegemônicos, de poder e exclusão.

Em seguida ao telefonema, o jornalista do prestigiado *Tribuna do Rio de Janeiro*, no período do século XX, escreve a matéria, cuja manchete anuncia: “Terreiros calam seus tambores, Ranchos guardam seus estandartes. Morreu tia Amina!”, iniciando:

Sangue, suor e lágrimas - e um porvir talvez ainda bem remoto, quando se escrever, com honestidade e sem subterfúgios ou fantasias, a História do nosso amado país, aí sim, é que poderemos dar o merecido valor a uma raça cujo trabalho incansável, com sangue, suor e lágrimas, contribui decididamente para forjar a têmpera e caráter do nosso povo. Referimo-nos aos negros africanos, importados para o Brasil, desde os primórdios de nossa colonização, os quais sempre se mostraram dignos de nossa mais elevada estima e gratidão pela sua afetividade, resignação estoica, coragem e índole laboriosa trabalhando nos canaviais, mineração e cafezais, sacrificavam-se aos seus senhores, entregando-se à labuta de corpo e alma. E suas mulheres eram geralmente as amas de leite dos filhos dos patrões, tendo que muitas vezes descuidar de seus próprios filhos para que aqueles entregues a seu cuidado estivessem sempre

alimentados, limpos e satisfeitos. Arrancados à força dos selvagens sertões e desertos africanos, muitas vezes até para o seu bem, esses homens e mulheres foram os verdadeiros construtores do nosso amado Brasil. E o ergueram, não só com seu trabalho insano, mas também batendo-se como heróis nas guerras em que nosso país se empenhou, e lutando, com seu talento e inteligência, para que o país abolisse a Escravidão (LOPES, 2009, p. 26).

Dessa forma, ao representar a escrita de um jornal brasileiro, datado de 1924, percebem-se os evidentes discursos a favor da colonização de um país construído pelas mãos negras, mas que, sob domínio das elites, as quais não negociam seus privilégios, viviam e vivem embaixo do título de “democracia racial”, enaltecendo a população negra. “Trabalho incansável”, “resignação estoica”, “coragem e “índole laboriosa” remontam à máscara pela qual pretendiam submeter as marcas da colonização, “heroizando” uma população negra, a qual deveria aceitar e desculpar a escravidão.

É evidente, desse modo, a utilização das mulheres negras para amamentação dos filhos de senhores do Engenho, dos donos das grandes fazendas, embora algumas delas tenham ido para o trabalho doméstico, a maioria foi enviada ao trabalho braçal. Dessa maneira, como apontado por María Lugones (2014), “mulher negra”, no momento da escravidão, era uma categoria vazia, pois não se encaixava na categoria “ser humano”, permitindo e justificando a violência. Nesse sentido, não havia “gênero” para as mulheres negras que conformasse um papel, apenas o sexo (fêmea), que contribuía para a visão das mulheres como reprodutoras, selvagens ou sexualizadas. As mulheres inglesas tidas realmente como “mulheres”, no período vitoriano, rompiam os padrões de gênero não apenas pela ideologia feminista, mas pela sobrevivência, como apontado anteriormente e, assim, as negras escravizadas nos Estados Unidos e Inglaterra não eram inseridas na perspectiva do gênero, por conveniência para o seu dono, como é apontado por Angela Davis:

O uso das mulheres escravas como substitutas das bestas de carga para puxar comboios nas minas do sul é uma reminiscência da horrenda utilização das mulheres brancas em Inglaterra, como descreve Karl Marx no “O Capital”: “em Inglaterra as mulheres ainda são ocasionalmente usadas em vez de cavalos para arrastar os barcos nos canais, porque o trabalho requer a produção de cavalos e máquinas numa exata e conhecida quantidade, enquanto o requisito de manter as mulheres do excedente populacional é abaixo de todos os cálculos. Exigidas pelos seus donos a serem “masculinas” na performance do seu trabalho como se fossem homens, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pelas suas experiências durante a escravatura. Algumas, sem dúvida, foram quebradas e destruídas, no entanto a maioria sobreviveu e, no processo, adquiriu qualidades consideradas tabus pela ideologia do século XIX sobre a natureza feminina (DAVIS, 2013, p. 15).

Nesse sentido, as mulheres negras, em todo o processo escravocrata, foram desumanizadas e bestializadas, independente do lugar onde ocorria a escravidão. Além de todo o serviço completamente igual ao dos homens, as mulheres deveriam engravidar, e grávidas, irem trabalhar nas lavouras, bem como trabalhar após o seu parto. Obviamente, todos os excluídos da história sofreram opressões, mas as mulheres negras sofreram em um grau muito elevado, a partir do qual:

Podemos agora perceber melhor Margarat Garner, escrava fugitiva, que quando foi apanhada perto de Cincinnati, matou a sua própria filha e tentou matar-se a si mesma. Ela alegrou-se, a rapariga estar morta – ‘agora ela nunca conhecerá o que uma mulher sofre como escrava’. – e contestou para ser julgada por crime. ‘Eu irei cantando para a forca antes de voltar para a escravatura’ (DAVIS, 2013, p. 23).

Haja vista que o padrão da escravização fora repassado em nível global, seria ingenuidade pensar que casos como esses não ocorreram no Brasil, o último país a abolir o processo, por pressão inglesa, no final do século XIX, em 13 de maio de 1888, enaltecendo a princesa Isabel pela “santidade” e “bondade” ao assinar a Lei Áurea. Obviamente, a tentativa de apagar da memória brasileira a escravidão era latente, tendo em vista a representação literária, remetida ao ano de 1924:

Mas não nos devemos envergonhar de havermos mantido escravos no Brasil, pois quase todos os povos do mundo, civilizados ou bárbaros, conheceram a escravidão. E, entre nós, ela foi sempre a mais branda e tolerante. Assim, desde o século XVIII vozes generosas se levantavam do cativeiro, procurando mitigar a sorte dos infelizes cativos e cativas com caridade, filantropia e boas ações. (LOPES, 2009, p. 26-27).

Desse modo, a escravidão ocorreu e foi abolida, entretanto não houve nenhum processo de inserção dos negros e negras na sociedade, apenas a “caridade”, “filantropia” e “boas ações” das ditas “vozes generosas”. Por outro lado, sabe-se, atualmente, que a Abolição se deu por estratégias econômicas, devido à ascensão do capitalismo, defendido pelos valores da liberdade de compra e venda, abertura do mercado e aumento de consumidores. Na matéria, o personagem Costinha (jornalista) segue dizendo que:

Ainda está por ser feito o levantamento completo da contribuição do elemento negro na formação do povo brasileiro. Quando isso for feito, muitos nomes hoje obnubilados ou desconhecidos virão às luzes. E entre eles, certamente estará o da hoje pranteada Honorata Sabina da Cruz, a Tia Amina uma mulher de fibra – Tia Amina veio à luz na bucólica Santo Amaro da Purificação, no Recôncavo Baiano, no dia 11 de janeiro do ano da graça de 1854. E porque era dia de Santa Honorata (cinco dias antes do xará Santo Honorato, por coincidência), recebeu o nome com o que foi à pia batismal (LOPES, 2009, p. 27).

Ao introduzir uma pequena biografia de Tia Amina, é notável que sua data de nascimento seja condizente ao momento histórico escravagista, embora ela tenha nascido livre, devido à Lei do Ventre Livre que era paliativa na mudança da estrutura econômica brasileira. Desse modo, é possível perceber que a vida de Honorata Sabina, como tia baiana, quituteira e carnavalesca, foi de extrema importância para a cultura brasileira, haja vista que Honorata está ligada de certo modo à Hilária, tema do livro *Tia Ciata e a pequena África no Rio de Janeiro* (1995), de Roberto Moura:

Mas a mais famosa de todas as baianas, a mais influente, foi Hilária Batista de Almeida, Tia Ciata, lembrada em todos os relatos do surgimento do samba carioca e dos ranchos, onde seu nome aparece gravado Siata, Ciata ou Assiata. Nascida em Salvador em 1854 no dia de Santo Hilário, no mesmo dia que Hilário Jovino, razão pela qual se tratavam nas rodas de “xará” quando nas boas, é feita no santo ainda adolescente. Muito moça, do namoro com um conterrâneo, Norberto da Rocha Guimarães, nasce Isabel, provavelmente ainda em Salvador em meio às primeiras experiências da vida adulta, quando já conhecida por Ciata, apelido com que se celebrizaria mais tarde na colônia baiana do Rio de Janeiro (MOURA, 1995, p. 136).

Desse modo, é perceptível que Nei Lopes remete sua Tia Amina à Tia Ciata, mas também não apenas a ela, às outras tias baianas, que possam vir a ter existido, às quais se deve a estima pela contribuição cultural e social à sociedade brasileira. A ascensão da Tia Amina deve-se ao trabalho, à valorização cultural do povo negro, mesmo que de forma amena, na sociedade do século XX. Nesse sentido:

Vendendo guloseimas nas ruas, em um tabuleiro, e assim continuando, em nossa cidade, uma elogiada tradição da boa terra, a nossa Honorata ou Tia Amina, envergando sua vistosa indumentária típica, incluindo torso, colares, pulseiras, balangandãs e o tradicional pano das costas, fixou seu ponto na rua Carioca, local em que permaneceria, atendendo à sua vasta e seleta clientela, até o final da vida [...] mas embora sem nenhum apoio masculino, sem o ombro amigo de um esposo e pai, Tia Amina soube enfrentar com denodo esses primeiros tempos. Até que, mais tarde, uniu-se em sólido matrimônio a seu conterrâneo João Pereira da Silva, homem de moral ilibada e caráter exemplar, que assumindo todos os encargos da família, que, embora informalmente, constituía, deu à esposa o suporte material e espiritual de que ela necessitava para se afirmar como grande líder que foi (LOPES, 2009, p. 29-30).

A partir do seu trabalho, sua liderança, sua atuação como tia de santo, Tia Amina conquistou seu espaço social e impactou o cenário carioca, demonstrando sua resistência como mulher negra, divulgando sua religião, seu samba, sem os quais não poderia viver. Tia Ciata, a fonte de inspiração

para a elaboração da personagem de tia Amina, foi descrita de modo muito similar na pesquisa do cineasta Roberto Moura, e também professor da Universidade Federal Fluminense, que gravou filmes e escreveu livros sobre Cartola e Tia Ciata, descrevendo-a pelo:

seu espírito forte, Ciata aliará uma crescente sabedoria de vida, um talento para a liderança e sólidos conhecimentos religiosos e culinários. Doceira, começa a trabalhar em casa e a vender nas ruas, primeiro na Sete de Setembro e depois na Carioca, sempre paramentada com suas roupas de baiana preceituosa, que nunca mais abandonaria depois de uma certa idade. Norberto, que também vem para o Rio, nunca mais se aproximaria de Ciata nem de sua filha. Aqui, Hilária se casa com João Batista da Silva, negro bem situado na vida, também baiano, numa relação longa, fundamental para sua afirmação no meio negro (MOURA, 1995, p. 137).

É desse modo que Tia Amina se apresenta com tamanho labor, bravura e personalidade. Sua força de caráter representa a resistência das mulheres negras no momento que precedeu à escravatura, abrindo espaço para o reconhecimento da sua culinária, religião e samba. O romance evidencia o livro do pintor aquarelista francês Jean Baptiste Debret, *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil* (1834) do mesmo modo que Moura (1995) relata o aparecimento de Tia Ciata. Assim, foi uma líder das baianas no bairro da Cidade Nova e Praça Onze, no Rio de Janeiro, cozinhando seus acarajés, vatapás e carurus.

Considerações Finais

A partir da perspectiva da crítica feminista e seus desdobramentos, haja vista o empoderamento da mulher negra, lésbica e *trans*, por exemplo, é que se percebe a figura de Tia Amina, festeira, mãe de santo, sambista e pagodeira como uma referência da aquisição de “liberdade” da mulher, do seu empoderamento, mesmo que seja com ressalvas. Reconhecida como a representante da “pequena África no Rio Janeiro”, uma colônia baiana, foi de extrema importância para o desrecalque epistemológico no Brasil, haja vista que Tia Amina aponta para o ícone Tia Ciata, que contribuiu para o crescimento do carnaval no Rio, para a divulgação da Bahia e reconhecimento da cultura negra, no seu papel de liderança feminina.

Portanto, o livro *Mandingas da mulata velha na cidade nova* (2009) se apresenta profícuo para a discussão da temática afro-brasileira, bem como as raízes do samba, a ascensão e protagonismo da mulher negra. Nessa dianteira, é que se confirma o importante papel das tias baianas, mulheres que viveram e vivem do seu labor, descendentes da escravidão, mas que avançaram para a

emancipação de suas vidas, e vividas de modo tão intenso, resultando no alvorecer da cultura brasileira, com o samba de resistência, a festa, as comidas típicas, entre outros elementos que contribuíram para esse processo de resistir.

Dessa forma, é relevante ressaltar que a discussão sobre o papel e importância das mulheres negras para a construção social não se esgotam neste trabalho. Por outro lado, continuam a ser necessárias para o avanço da sociedade brasileira e entendimento da alteridade, e das relações do Brasil com o continente africano.

REFERÊNCIAS

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lucia Osana (org). **Teoria literária**: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 3. ed. Maringá: Eduem, 2009.

DAVIS, Angela. **Mulheres, raça e classe**. S. Paulo: Boitempo, 2013.

DUARTE, Eduardo de Assis. Por um conceito de literatura afro-brasileira. **Revista Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea**, Brasília, n. 31, jan/jun. 2008. Disponível em: <<http://150.164.100.248/literafro/data1/artigos/artigoeduardoassis2.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

IANNI, Octavio. **As ciências sociais na época da globalização**. Rev. bras. Ci. Soc. [online]. vol.13, n.37, pp.33-41, 1998.

LOPES, Nei. “Conversando sobre Mandingas da mulata velha na cidade nova”. Entrevista concedida a Rafael Gomide Martins. **Literafro**, Belo Horizonte, [2017]. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/343-nei-lobes>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

_____. **Mandingas da Mulata Velha na cidade nova**. Rio de Janeiro: Língua Geral, 2009.

LUGONES, María. Rumo ao feminismo descolonial. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 935-952 set./dez. 2014.

MATA, Inocência; PADILHA, Laura Cavalcante. **Mulher em África: Vozes de uma margem sempre presente**, Lisboa, Edições Colibri/ Centro de Estudos Africanos – FLUL, 2007, pp. 283 – 291.

MOURA, Roberto. **Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

THE LEADERSHIP OF THE BLACK WOMAN IN THE NOVEL *MANDINGAS DA MULATA VELHA NA CIDADE NOVA*: THE BRAZILIAN SOCIOCULTURAL CONSTRUCTION

ABSTRACT: The novel *Mandingas da mulata velha na cidade nova* (2009), by Nei Lopes is a narrative that traces, through the Brazilian historical and cultural route, the life of a Bahian aunt whose fictional name is Tia Amina, but who is connected to the true figure of Aunt Ciata, one of the most famous Bahian and carnival in Rio de Janeiro. In this context, it seeks to highlight the role of black women in the Brazilian sociocultural construction related to the theoretical assumptions of feminist critique. In addition, the objective is to situate the work as an Afro-Brazilian literary representation that is imbricated with the historical process of Brazil, endeavoring to trace the path of Aunt Amina, from her ancestral questioning in Africa until her arrival in Bahia. To understand this proposal of analysis, it is based on Beauvoir (2008), Duarte (2008) and Zolin (2009), among other theorists. Thus, from this work, aims to contribute both to the elucidation of issues to gender and feminist critique and to the recognition of Afro-Brazilian literature, highlighting the work of Nei Lopes.

Keywords: Afro-Brazilian Literature. History. Feminist Criticism.